



CARTA ARGUMENTATIVA

1. Considerações iniciais

Sem dúvidas, um hábito bastante recorrente entre nossos pais e avós vem sendo perdido ao longo da última década, com o advento da internet e, principalmente, do e-mail. Apesar disso, há ainda os que acham que escrever uma carta é um prazer inigualável, e fazem disso um ritual. A justificativa é quase sempre igual: em uma carta, podemos ser nós mesmos, falar o que pensamos, achamos e acreditamos qualquer que seja o assunto escolhido.

No nosso caso, estamos diante de uma **carta** que, de certa maneira, segue os referenciais daquela que alguém escreve para o namorado, a amiga, o parente, respeitando a essência do formato. Assim, **data, vocativo, despedida e assinatura** não deixam de aparecer. A diferença básica está no fato de ela ter uma especificidade no que diz respeito a seu objetivo: por ser **argumentativa**, tem como função primordial, mais do que **convencer, persuadir** um **interlocutor** específico, que tem uma **posição definida** a respeito de determinado tema.

Nesse sentido, esse tipo de carta aproxima-se em alguns aspectos da dissertação, em especial no que diz respeito aos recursos e técnicas de argumentação. A diferença básica está no fato de que há uma polarização intensa dos posicionamentos: há a possibilidade de **discordância** ou de **concordância** em relação à **visão do interlocutor**. Tomando por exemplo o vestibular 2005 da UFF, nota-se isso de forma clara: a intenção era convencer o pai da personagem apresentada nas tirinhas que determinado namorado era bom para ela, o que prova que ele não concordava, inicialmente, com nenhuma das opções.

Assim, é preciso escolher o ângulo de análise e depois se dirigir a alguém específico definido previamente pela banca. Em muitos casos, a visão do interlocutor é **explicitada** na coletânea, mas isso **não é obrigatório**. Mais uma vez, o exemplo de 2005 da UFF é pertinente: devia-se imaginar o que um pai teria em mente por conta de breves comentários que ele fazia a cada apresentação de namorado e, a partir daí, tentar demove-lo de sua visão.

Tendo isso em vista, é importante assinalar que, para convencer e/ou persuadir alguém, as mais variadas estratégias são válidas. Portanto, é mais do que recomendável o uso de **dados, provas e evidências** para fundamentar o que é dito. Da mesma forma, deve-se observar a **preocupação quanto ao vocabulário** empregado. Afinal, não se conversa com uma autoridade em tom de papo de botequim, da mesma forma que não se escreve para o seu pai de modo extremamente formal, por isso o uso adequado de **pronomes de tratamento** fundamental. Adotemos como princípio que há um **nível de intimidade** que precisa sempre ser observado cuidadosamente, a fim de não enfraquecer nossa argumentação. Isso não significa, porém, que devemos “aliviar” no tom crítico – ao contrário, **postura contundente e racional** são marcas de uma ótima carta.

A opção pela carta argumentativa, portanto, representa mais uma estratégia feita em benefício do aluno do que uma maneira de tentar derrubá-lo. O pressuposto é que, definido um interlocutor e uma visão acerca do tema, argumentar torna-se muito mais fácil, tanto pela possibilidade de rebater o que ele diz (**contra-argumentação**) como de apresentar idéias não levadas em consideração por ele (**argumentação direta**), o que pode ser feito em separado ou associado – opção mais indicada.

Outra vantagem da carta argumentativa é o fato de que, por constituir um texto de caráter mais pessoal, não precisamos nos distanciar na abordagem. Ao contrário, é bastante recomendável que o aluno **apresente-se**, buscando mostrar **quem é e quais as motivações** daquele texto. Nesse ponto, aliás, muitos conseguem valorizar ainda mais a redação: em vez de se definir como são naturalmente, criam o que chamamos de **máscara**, assumindo um perfil que não é o seu. Em 1998, quando a UERJ ainda exigia em seu vestibular que o candidato fizesse uma carta, diante de um tema que falava acerca de assédio sexual, algumas pessoas se colocaram como vítimas de tal crime, buscando maior verossimilhança em sua argumentação. Uma estratégia muito interessante, desde que feita de forma **coerente**.

Assim, ainda que distante de nosso cotidiano repleto de virtualidade, a carta argumentativa surge como um tipo de texto prazeroso e eficiente. Por ela, resgatamos hábitos tão antigos que até mesmo escritores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles se fizeram valer por várias vezes, analisando as obras uns dos outros de forma interessante e sem se esquecerem do principal: **argumentar**.

(Introdução teórica produzida com a colaboração do professor Marcelo Caldas)

2. Exemplos de cartas (UNICAMP):

Exemplo 1

Trabalhe sua carta a partir do seguinte recorte temático:

Atendendo aos vários segmentos do público em diferentes horários, as emissoras de rádio definem sua programação em torno de um leque variado de opções: programas de música, esportes, informação, religião, etc. Programas que um dia fizeram muito sucesso já não existem mais, como a rádio-novela e os programas de auditório.

Instruções:

- Imagine um programa de rádio que, em sua opinião, deva sair do ar;
- Argumente pela retirada desse programa da grade de programação;
- Dirija a carta a um interlocutor que possa interferir nessa decisão

Campinas, 21 de novembro de 2004.

Sr. Reginaldo Lima:

O propósito de minha carta é buscar mudança na programação da Rádio Quinze, auxiliando na sua diferenciação como meio de comunicação e na manutenção da boa qualidade de suas transmissões.

Como cidadã e ouvinte da rádio, escrevo pela interrupção na transmissão do programa “Bagunça na Rádio”, que vai ao ar todos os dias ao meio dia. A transmissão coincide com meu horário de almoço, portanto tive oportunidades infelizes de acompanhar os absurdos e besteiras ditos pelo radialista e a participação imbecil de uma parcela do público, difundidos à toda cidade.

O senhor, como coordenador do programa, busca a sua audiência e sucesso e parece não refletir sobre os problemas sociais que pode estar ocasionando com a sua transmissão. A exploração extremada da sexualidade, os preconceitos e o linguajar chulo e sem escrúpulos, que compõem a base do programa, incentivam a aculturação dos cidadãos e não representam a liberdade de expressão, mas a futilidade e o desrespeito do “script” da sua rádio.

Como meio de comunicação histórico, com grande poder de alcance e formador de opinião, o rádio deve trabalhar em projetos voltados a diversos segmentos de público, levando a eles desde informações políticas, econômicas e sociais até entretenimento e religião, exercendo seu papel complementar à Internet e à televisão de forma positiva e sensata.

O senhor pode argumentar contra minha proposta, afirmando que o “Bagunça na Rádio” propõe a interação com o público, exercendo função de contato, e ainda que a população tem a opção de selecionar o que deseja ou não ouvir nas rádios. Todavia, é importante ressaltar que ainda que promova a participação popular, esse contato não está sendo sadio e proveitoso, devido à quantidade imensa de palavrões, besteiras e preconceitos ditos no ar tanto pelo radialista, quanto pelos participantes. Além disso, mesmo que todos tenham a opção de escolha, o seu programa deveria, ao menos conservar o respeito, elemento fundamental à boa formação social.

Assim, espero que reflita profundamente sobre a interrupção do “Bagunça na Rádio”, fazendo uso de sua cultura e profissionalismo, para manter vivas as principais funções do rádio como meio de difusão de idéias, entretenimento e contato, e ainda diferenciando a Rádio Quinze como rádio educativa e de boa qualidade.

*Atenciosamente,
A.M.S.A.*

Exemplo 2

Comentando o noticiário relativo às manifestações da juventude no período em que se discutia a possibilidade de impeachment do presidente Collor, o senhor E.B.M. enviou ao jornal Folha de S. Paulo a seguinte carta:

É irritante ler, nas últimas semanas, a cobertura e as manifestações contra o poder central por parte da ‘juventude’. Excluindo qualquer juízo de valor sobre o processo o que se teve como verdade é que é extremamente fantasioso se admitir que a nossa juventude tenha toda essa capacidade de

percepção. É notória a cretinice da juventude brasileira. O zeitgist, o espírito da época, submerge a atual geração num mar de hedonismo e irresponsabilidade. É lindo fazer revolução com tênis Reebok e jeans Forum. O que eu gostaria de ver mesmo é como essa juventude vagabunda, indolenta e indisciplinada como a brasileira se portaria diante de um grupo de choque, como nos confrontos que ocorrem em Seul. (E.B.M., Painel do Leitor, 01/09/1992)

A leitura atenta da carta acima permite identificar algumas de suas opiniões sobre os jovens expressas mais diretamente. Para redigir sua redação siga as seguintes instruções:

1. Identifique 3 das opiniões emitidas pelo Sr. E.B.M.
2. Transcreva-as na sua folha de redação.
3. Após ter feito, escreva uma carta dirigida ao Sr. E.B.M. apresentando argumentos para convencê-lo de que está equivocado. Neste exercício de argumentação, você deverá discordar, portanto, das opiniões que identificou na carta.

ATENÇÃO: Ao iniciar sua carta, use apenas as iniciais de seu nome.

São Paulo, 29 de novembro de 1992

Prezado Sr. E.B.M.

Em artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo a primeiro de setembro do corrente ano, deparei-me com sua opinião expressa no Painel do Leitor. Respeitosamente, li-a e, percebendo equívocos em suas considerações frente a veracidade dos motivos que colocaram milhares de jovens na rua, de maneira organizada e cívica, tento elucidar-lhe os fatos.

Nosso país, o senhor bem sabe, viveu muitos anos sob o regime militar ditatorial. Toda e qualquer manifestação que discordasse dos parâmetros ideológicos do governo era simplesmente proibida. Hoje, ao contrário daquela época, as pessoas conquistaram a liberdade de expressão e o país vive o auge da democracia. Assim, perante essa liberdade, o país evoluiu. Certo é que atravessamos um período de crises econômicas, mas as pessoas passaram a se interessar de maneira mais acentuada pelo cotidiano, frente a própria liberdade que lhes foi dada. Dessa forma, deparamo-nos com uma população ideologicamente mais madura.

Em sua carta enviada à Folha de São Paulo, o senhor assegura que a juventude é absolutamente imatura e incapaz de perceber a profundidade dos acontecimentos que a envolvem. Asseguro que tal opinião não é a mais justa. Nós já fomos jovens e sabemos perfeitamente que é uma época de transição. Mudamos nossos conceitos, nossos desejos e nossa visão de mundo. Mesmo assim, determinados valores que assumimos como corretos persistem em nossas vidas de forma direta ou não. Não sei se o senhor tem filhos, mas eu invejo a concepção que os meus assumem perante inúmeros acontecimentos. São adolescentes, que se interessam pelos fatos políticos e se preocupam com o destino da nação, pois estão cientes de que, num futuro próximo, serão as lideranças do país.

Outro aspecto relevante em sua carta é o de dizer que a juventude, generalizadamente, é indisciplinada. Tal opinião não condiz com a verdade. Nas manifestações pró-impeachment que invadiram o país visando à queda do presidente Collor, não se viram agressões, intervenções policiais ou outras formas de violência. Fica claro, portanto, que a manifestação dos chamados caras-pintadas não é vazia. Conscientes de que uma postura pouco organizada não lhes daria credibilidade, os jovens manifestaram-se honrosamente. Com isso, frente ao vergonhoso papel do próprio Presidente da República, a juventude demonstrou um grau de maturidade e percepção maior que o do próprio chefe de estado.

Vemos, com isso, que os jovens visam ao bem do país e o seu processo de conscientização não se deu de uma hora para outra. Assim, dizer que a juventude é motivada pelo espírito da época, visando ao hedonismo, é errôneo. Nossos jovens, senhor E.B.M., são reflexos da liberdade dada ao país e da sua evolução político-ideológica.

Sem mais, despeço-me.

K.C.M. de M.

Observe, agora, um outro modelo de carta:

(UNICAMP) Considerando especialmente as informações contidas na matéria jornalística transcrita abaixo, escreva uma carta a um interlocutor de sua escolha (por exemplo, a um sindicalista, a um político, a um empresário) sugerindo que ele se empenhe na aprovação de um projeto de lei que acabe com as horas extras.

Nesta carta, você deverá, necessariamente, especificar os principais pontos do projeto de lei que gostaria de ver aprovado.

Lembre-se de que você deverá identificar claramente seu destinatário e organizar seus argumentos, a fim de convencê-lo a acatar sua sugestão.

1. Não esqueça que você pode valer-se de informações da coletânea geral e dos enunciados das questões desta prova para escrever sua carta.

2. Ao assinar a carta, use iniciais apenas, de forma a não se identificar.

SÃO PAULO. A recuperação da economia vem se sustentando em boa parte com o uso de horas extras no trabalho. Segundo pesquisa da Fundação Seade e do Dieese, 40,3% dos assalariados da Região Metropolitana de São Paulo trabalharam, em março, além da jornada de 44 horas semanais fixada na Constituição, contra 35,6% no mesmo mês de 2000. No comércio, foram nada menos do que 52,3%; e na indústria 40,9% prolongaram o expediente. No setor de serviços, o percentual foi de 36,2%. O economista Mário Pochmann, secretário extraordinário do Trabalho de São Paulo, calcula que se a jornada fosse cumprida seriam criados imediatamente 4,9 milhões de postos de trabalho no país, mais do que o suficiente para acabar com o contingente de 1,02 milhão de desempregados das seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE.

FIESP: contratar tem custo alto

Pochman utilizou dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad), do IBGE, realizada em 1999. Esta indicou que cerca de 27 milhões de brasileiros, de um total de 70 milhões de ocupados à época, trabalhavam mais que a jornada legal.

– No Brasil, a exceção virou regra e comprometeu a criação de novos postos de trabalho – diz o Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), João Felício.

Essa cultura sobrevive tanto em tempos de economia aquecida quanto de recessão. Para as empresas, o recurso das horas extras evita o risco de contratações em momentos de incerteza, além de reduzir custos trabalhistas.

– Os custos de contratação e demissão são muito altos no Brasil – justifica o empresário Roberto Faldini, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

A legislação prevê que um trabalhador faça até duas horas adicionais por dia útil, além de oito no sábado e oito no domingo, num total de até 26 horas extras semanais. Mas a maioria dos trabalhadores encara esse expediente como forma de complementar renda e aceita propostas de aumento de jornada.

– Isso derruba qualquer tentativa dos sindicatos de desestimular a prática das horas extras – afirma o diretor-técnico do Dieese, Sérgio Mendonça.

Paulo Roberto Garcia Silva Júnior, de 20 anos, metalúrgico de São Paulo, é um exemplo dessa tendência. Há oito meses, foi contratado para trabalhar das 6h às 15h30m, por R\$ 370,00 mensais. Hoje, no entanto, consegue quase o dobro fazendo horas extras diárias e folgando só um domingo por mês.

– Procuo fazer o máximo de horas extras para ganhar mais – diz o operário.

O excesso não é uma prática exclusiva dos empregadores. No fim do ano passado, o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, descobriu que os cerca de 700 funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo faziam mais de cinco mil horas extras por mês. Paulinho proibiu essa prática no Sindicato e a qualidade do atendimento, segundo ele, não diminuiu. Agora, o sindicalista quer propor ao ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, que adote medidas restringindo o uso de horas extras pelas empresas.

Além de comprometer a geração de empregos, as horas extras também prejudicam a produtividade, aumentando os riscos de acidentes de trabalho. De acordo com o levantamento mais recente do Ministério da Previdência e Assistência Social, o número de mortes em acidentes de trabalho em 1999 foi de 3.923, representando um aumento de 3,6% em relação a 1998.

(Marcelo Rehder, *O Globo*, Caderno Economia, 8/5/2001, p.25.)

Exemplo 3

Campinas, 25 de Novembro de 2001

Estimado sindicalista João Felício,

Na árdua luta pela dignidade do trabalhador mais uma batalha se faz necessária: contra o recurso, por parte tanto de empresários quanto dos próprios trabalhadores, à hora extra. E nessa luta não são os empresários, nem tampouco (o que seria absurdo) os trabalhadores, os nossos adversários, mas o governo, devorador de impostos; urge, portanto, que nos empenhemos, representados em tua honesta figura, por fazer aprovar novas leis, um projeto que estimule a contratação, que encoraje os empresários, sempre acovardados em suas poltronas, a fazer uso da imensa quantidade de mão-de-obra ociosa disposta a produzir para eles. E é bom que o façamos logo, antes que essa mesma mão se disponha a – destruir.

Companheiro, bem sabemos que a classe dominante não distribui renda porque é caridosa: fazem-no somente quando lhe é vantajoso; nem o governo voraz abre mão de um osso se não lhe acenamos com um filé. Sabemos, também, a quem de fato representam os congressistas em sua (necessária) maioria: a si mesmos. Seríamos, por conseguinte, ingênuos em querer simplesmente fazer passar uma lei proibitória do recurso às horas extras: nem mesmo os trabalhadores (que são, por vezes, também eleitores) a aceitariam, pois vêem com bons olhos, olhos gordos, a degradante possibilidade de ter aumentados seus salários às custas do ócio, da saúde, da segurança. É preciso mais que proibir.

Para a alegria do empresariado, sugiro que esse projeto de lei tenha por fundamento a redução dos custos de contratação e de demissão; e, como complemento a essa medida, que sejam aumentados sensivelmente os custos da utilização de hora extra: que a hora extra seja imensamente bem remunerada, e que tenha embutida em si uma alta carga tributária. De tal modo onerada, comprar horas extras se torna inviável; e a contratação, barateada, se torna desejável por parte do empresariado. Para compensar o governo pela perda de arrecadação decorrente da redução dos custos de contratação e de demissão sugiro que lhe seja permitida a punição severa de empresas envolvidas em acidentes de trabalho. E quanto à quase metade dos trabalhadores formais, que engorda o parco salário vendendo seu cansaço? É preciso que compreendam, ainda que de barriga vazia, que fazer hora extra não é uma solução adequada para eles: é solução adequada aos interesses covardes dos que sobre nós se apóiam para erguer sua riqueza (mas isso, digamos em voz baixa: que não poderemos estar cansados no dia da revolução dos trabalhadores contra os proprietários).

Companheiro, eu quis trazer aqui minha opinião sobre a hora extra que desagrega minha família, que destrói minha saúde, porque ganho mal e não vejo alternativa; sei que tomo a vaga de alguém quando faço hora extra, e esboço aqui minhas vagas idéias sobre um projeto que, acredito, deves abraçar como legítimo representante não só dos que trabalham como também dos que querem trabalhar. Não são idéias luminosas, são expressão humilde de quem ignora as leis e sua feitura; tem paciência com elas.

De quem muito te estima,

J. F. K

O exemplo abaixo é o de uma carta escrita com expectativa inferior àquela da banca:

Exemplo 4

Campinas, 25 de novembro de 2001

Senhor Deputado,

Sou economista e, ao observar o crescente aumento do uso das horas extras, resolvi escrever-lhe pois acredito que esta tem-nos sido prejudicial e que o senhor possa fazer algo a respeito.

Como economista, venho fazendo pesquisas relacionadas as jornadas de trabalho dos brasileiros, constatei em meus estudos um crescimento bastante significativo no uso de horas extras,

o qual acredito ser bastante danoso para a economia e principalmente para os trabalhadores. Senhor deputado, o largo uso de horas extras impede a criação de milhares de empregos, pois se um empregado prolonga a sua jornada, torna-se desnecessária a contratação de novas pessoas, agravando ainda mais a situação de desemprego no país, que como o senhor sabe, já é bastante complicada.

Constatei ainda que a prática indiscriminada de horas extras prejudica a produtividade e aumenta os riscos de acidente de trabalho, pois as pessoas acabam trabalhando cansadas e desatentas, o que o senhor deve concordar, não é interessante nem para a empresa nem para o trabalhador.

Porém, analisando os dados atentamente, pude inferir que o uso da hora extra cresce devido a aceitação dos trabalhadores. Como deputado o senhor está informado de que, em geral, os trabalhadores no Brasil são mal remunerados, daí o motivo pelo qual aceitam as horas extras: como forma de complementar a renda. Outro motivo que os empresários alegam para esta prática é o custo das contratações, desse modo é preferível, por ser mais lucrativo, pagar as horas extras a contratar novos empregados.

Por todos esses motivos gostaria que o senhor, sendo deputado, se empenhasse na criação e aprovação de um projeto de lei que fosse mais rígido em relação as horas extras. Acredito que deva constar do projeto uma lei que acabe com essa prática, melhorando a produtividade e reduzindo significativamente os acidentes. Gostaria de sugerir também a diminuição dos custos trabalhistas para que novas contratações sejam viabilizadas. Além disso seria importante também um aumento nos salários, para que os trabalhadores não precisem recorrer a mecanismos como o da hora extra para obterem melhores rendimentos.

Espero que o senhor, como um político de visão ampla, perceba a necessidade de um projeto como este. Além de melhorar as condições trabalhistas do país, estaremos dinamizando a economia, ao melhorar a produtividade e gerar novos empregos.

Grata pela sua atenção,

M.C.